

12. A obediência convém

"Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim" (Jo 13,1).

Esta frase, no início do capítulo 13 de São João, descreve a liberdade de Cristo, a liberdade de Deus. Uma liberdade que transforma o mundo, este espaço do mundo, este espaço limitado e muitas vezes hostil em que os discípulos de todos os tempos se encontram. Transforma-o num lugar de amor divino. Quantas testemunhas de Cristo, colocadas na prisão pela sua fé ou condenadas a restare[m] imóvel por doença, transformaram a sua cela ou quarto num lugar de amor infinito! Revejo uma monja anciã de Sankt-Marienthal, Irmã Notburga, afundada entre cobertores e almofadas da cama que já não podia sair, quando me disse com olhos luminosos: "Mergulho na vontade de Deus"!

Esta é a obediência que São Bento pede, a obediência que a realidade e as circunstâncias, antes dos superiores, nos pedem neste momento. Uma obediência para se apaixonar por Cristo: de homens e mulheres que não têm nada mais caro do que Ele. Não ter nada mais caro do que Jesus não nos tira da realidade, pelo contrário: faz-nos aderir com amor à realidade onde ela nos toca e talvez nos fere, como uma doença, a fraqueza da velhice, um serviço difícil e desagradável na comunidade ou a perseguição do mundo. Para os que não têm nada mais caro do que Cristo, o que a realidade pede, o que o superior ou a comunidade pedem, se torna o que o próprio Cristo me pede, se torna uma oportunidade de Lhe dizer sim, em todos, em tudo, sempre. Esta obediência faz o amor de Cristo penetrar em toda a realidade que vivemos, mesmo na realidade negativa e cansativa que limita a nossa liberdade e os nossos interesses. É como se os limites da realidade quotidiana fossem dilatados desde o interior. Obedecer a algo que me limita, que normalmente sufoca a vida, que a reduz, pode torná-la mesquinha, pode matá-la. Mas se for ali mesmo, dentro desta realidade limitante e hostil, a minha liberdade diz sim a Cristo, a que meu coração mais ama, imediatamente os limites desta realidade se dilatam, ou melhor, desaparecem. O coração que permite a Cristo em qualquer circunstância, torna os limites da circunstância ilimitados, os dilata ao infinito, porque Cristo é o Senhor de toda a realidade, o Senhor em quem cada pessoa é criada para o infinito e o eterno.

É por isso que São Bento utiliza no início do Capítulo 5 sobre obediência, um verbo especial, ao qual devemos prestar atenção. Diz que a obediência "convém": "*convenit his qui nihil sibi a Christo carius aliquid existimant*" (5.2). É como se falasse de um comércio, um comércio de coisas preciosas. Vem em minha mente, a parábola do tesouro no campo e a pérola preciosa (Mt 13,44-48). Somos como aquele comerciante de pérolas, que encontra uma no mercado, e a estima pelo seu grande valor. Então, vai, vende tudo o que tem, e compra a pérola. Também aqui, São Bento parte da estima que temos por Cristo: "*existimant*". Para obedecer verdadeiramente, para viver devidamente a obediência, e todos os outros votos, se deve partir da estima que temos por Jesus. Se Cristo é uma pérola, um tesouro, que vale mais do que tudo, que nos é caro mais que tudo, então a obediência "convém". Isto significa que a obediência é um preço conveniente para se "comprar", para "ganhar" Cristo.

De fato, se é para ganhar Cristo, que avalio como a coisa mais preciosa de todas, então eu ganho e o preço não é nada alto. O comerciante de pérolas que vende tudo, casa, campos, mercadorias, burro, ovelhas, galinhas, – espero que não tenha vendido também a sua mulher e os seus filhos! – e tudo o que tinha, para comprar a pérola, o fez certamente sabendo que ganhava, tendo a pérola no lugar de todo o resto. Convinha, e como!

Como não pensar em São Paulo, mais uma vez na sua carta aos Filipenses, quando diz: "Porém, aquelas coisas que (antes) eu considerara como lucro, considere-as (depois da minha conversão) como perdas por amor de Cristo. Sim, na verdade tudo isso tenho por perda, perante o eminente conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor, pelo qual renunciei a todas as coisas e as considero como esterco, para ganhar a Cristo." (Fl 3,7-8)

Mas então, porque todos não fazem voto de obediência, dado que convém ganhar Cristo?

O problema é que Cristo é uma "pérola preciosa", que quando se vende tudo para comprá-la, se possui um tesouro infinitamente mais precioso do que aquele que se vendeu, mas Cristo não é uma pérola que, por assim dizer, faz parte do comércio de pérolas. Não me convém porque posso vendê-la e comprar com os lucros duas casas, dois campos, dois burros, e o dobro de ovelhas e galinhas. Nem me convém porque ao vendê-la poderia comprar cem casas e cem vezes todo o resto. Quem vende tudo para comprar Cristo, se "revende" Cristo, como Judas fez, não ganha mais nada, pois nada vale quanto Ele, nada nos pode ser mais caro do que Ele. Se perco Cristo, mesmo vendendo-O, perco tudo, nunca encontrarei algo que me convém como Ele. Tudo será sem valor se eu perder o valor de tudo, que é Jesus.

Pois Cristo não é a pérola que tem um valor infinito "no lugar" de tudo, mas Ele é em Si, todo o valor de tudo. Por isso, quem deixa tudo por Ele, na realidade não perde nada, porque o valor constante de tudo o que deixo, é o próprio Cristo.

Somente – repito, mas acredito seja importante pelo menos intuir –, se já deixei tudo por Ele, talvez não materialmente, mas mesmo só pela fé que temos Nele, como Deus e Salvador do mundo, se eu, de uma forma ou de outra, O estimei como aquilo de mais caro, nunca serei capaz de encontrar um valor nas coisas e nas pessoas sem O estimar acima de tudo, sem ter unido ao coração a pérola preciosa que só Cristo é para mim.